

A INTERCOMPREENSÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: VIVÊNCIAS EM SALA DE AULA COM CRIANÇAS DE 5º ANO DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE NATAL/RN

Cristiane Maia Campelo¹

Iane Licurgo Gurgel Fernandes

Táise Ferreira da Rocha

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: Com este artigo pretendemos relatar experiências vivenciadas com a introdução de ensino integrado de línguas românicas, através da Intercompreensão, em turmas de quinto ano de cinco escolas municipais de Natal. Tendo como ponto de partida a língua portuguesa e conhecimentos prévios das crianças, propomos atividades plurilíngues em francês, italiano e espanhol. Em seu segundo ano consecutivo, essa experiência tem se revelado promissora, mostrando que somos capazes de compreender línguas vizinhas, sem mesmo as ter estudado antes.

Palavras-chave: Educação plurilíngue; Intercompreensão; Educação básica; Experiência.

1. Bolsistas do Projeto de Ações Integradas “Intercompreensão de Línguas Românicas: aprendizagem sem fronteiras” nº institucional 23660/2013 Universidade Federal do Rio Grande do Norte, coordenação Prof.^a Dr.^a Selma Alas Martins.

I. Introdução

Em Natal, o trabalho com a intercompreensão de línguas românicas teve seu início em 2010, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a partir da integração da disciplina complementar, de mesmo nome, no currículo do curso de Letras. Os bons resultados da disciplina e a boa aceitação por parte dos discentes motivaram a expansão e os benefícios da iniciativa para além da universidade. Assim foi elaborado o projeto “Intercompreensão de Línguas Românicas: aprendizagem de línguas sem fronteiras” que envolve a pesquisa, o ensino e a extensão, com a coordenação e orientação da Professora Dr.^a Selma Alas Martins.

Nosso projeto, que é uma parceria da UFRN com a Secretaria Municipal de Educação de Natal/Rio Grande do Norte, tem como proposta a sensibilização para as línguas românicas: italiano, francês e espanhol, línguas da mesma família do português.

O trabalho é desenvolvido por três bolsistas, que durante uma hora semanal apresentam atividades plurilíngues a crianças do quinto ano de cinco escolas municipais de Natal (crianças de 10 anos).

Acreditamos como Beacco e Byram (2007) que somos plurilíngues na medida em que temos capacidade para aprender línguas e que a atitude para se aprender línguas é natural e está ao alcance de todos. O trabalho com diferentes línguas tipologicamente aparentadas pode até contribuir para a descoberta da própria língua materna ou L1.

As atividades plurilíngues propostas às crianças estão centradas no desenvolvimento da compreensão escrita e oral e tem como ponto de partida a própria língua do aprendiz que, a partir dela, procura caminhos em busca da compreensão de outras línguas vizinhas ou da mesma família.

Para esse trabalho adotamos a explicação de Doyé (2005, p.7), para quem a “intercompreensão é uma forma de comunicação em que cada pessoa se exprime em sua própria língua e compreende a do outro”. Como nosso trabalho tem como foco a compreensão escrita e oral, a definição de Meissner (2004, p.20) parece mais adaptada: “par le terme intercompréhension, on

désigne la capacité de comprendre une langue étrangère sur la base d'une autre langue sans l'avoir apprise"².

O conceito de intercompreensão é multifacetado e está ligado à ideia de compreender e de se fazer compreender numa situação que envolva idiomas e culturas diferentes onde os envolvidos fazem uso de sua própria língua e servem-se de estratégias variadas a fim de compreender o outro e de se fazer compreender, em uma dinâmica colaborativa.

Ao se transpor esta prática para o contexto educacional, podemos sugerir que o contato dos alunos com línguas e culturas diferentes das deles pode proporcionar melhorias na sua capacidade intelectual, inclusive no aprendizado de sua própria língua materna.

Com a intercompreensão não pretendemos ensinar línguas, mas permitir a descoberta e a familiaridade com línguas de sonoridade, sistemas de escrita semelhantes, a fim de melhor compreender o funcionamento das línguas por meio da comparação. (EOLE, 2002).

O projeto aplica o plurilinguismo como colaborador nas línguas portuguesa, francesa, italiana e espanhola, pois observamos que o trabalho centrado na educação plurilíngue nas escolas de educação básica pode oferecer muitos benefícios às crianças.

“A língua é veículo de cultura, uma educação plurilíngue, por meio da intercompreensão, no contexto educacional brasileiro, poderia despertar o interesse do aprendiz para outras línguas-culturas românicas, fato que poderia vir a favorecer o sentimento de alteridade e desenvolver uma melhor percepção de sua identidade”,
Alas Martins e Gomes Souza (2012, p.1).

Além da percepção de identidade, ou seja, a forma como nos percebemos e nos identificamos com os outros, citada pelos autores, o ensino

2. As citações não serão traduzidas como forma de testar nossos leitores no princípio da Intercompreensão.

plurilíngue também possibilitaria outros benefícios como: uma melhoria do potencial cognitivo, um novo modelo do ensino de línguas estrangeiras. No que diz respeito à língua materna, o ensino plurilíngue pode fortalecer o interesse dos alunos na aprendizagem do português. Trata-se, também, de apresentar um outro olhar para a língua materna (ou L1)³.

O ensino de língua estrangeira nas escolas, na maioria das vezes, prioriza apenas um único idioma, este considerado mais forte politicamente e de maior importância tanto profissionalmente quanto socialmente.

Hoje em dia, o inglês assume esse papel de língua “franca”, tendo seu ensino garantido em quase todas as escolas brasileiras. No entanto, sem desmerecer a importância de se aprender o inglês, estudar apenas um idioma, como diz Blank (2009, p.2) “além de fortalecer uma polaridade que favorece politicamente numa única direção, acaba reduzindo os horizontes dos aprendizes, que sempre estarão condicionados a receber as informações desejadas através do filtro de uma única língua estrangeira”.

Como forma de valorização das línguas-culturas, por volta do fim dos anos 80 e início dos anos 90 surge um interesse maior pela Intercompreensão (IC), principalmente entre línguas tipologicamente aparentadas. Volta-se a promover algo que nada tem de novo, uma vez que desde a época das feiras medievais ou nas relações comerciais durante o período das grandes navegações, a comunicação se realizava na língua materna, ou seja, cada um fazia uso de sua L1 para comunicar e todos se esforçavam para criar estratégias para que houvesse uma compreensão mútua. No caso de línguas vizinhas ou pertencentes à mesma família a compreensão se dá de maneira mais natural e é mais facilitada.

Com um pouco de esforço é possível que a diversidade linguística deixe de ser um empecilho para compreensão e, conseqüentemente, para comunicação e passe a ser uma fonte de conhecimento e enriquecimento pessoal e social.

3. Nesse trabalho utilizaremos LM (Língua materna) e L1 (língua primeira) como sinônimos.

Rajagopalan (2008, p.33) diz que “as línguas constroem barreiras entre diferentes segmentos da sociedade”, mas que podem ser superadas e transpostas. Quanto mais o indivíduo tem contatos com línguas e culturas diferentes, mais ele desenvolve sua competência comunicativa, pois cada experiência linguística vivida contribui para o crescimento da habilidade de compreensão de outra língua.

O estudo de línguas estrangeiras (LE) pode contribuir imensamente para o desenvolvimento humano, pois, a partir dele, também se pode obter o conhecimento do mundo e das práticas sociais. Daí a necessidade de se discutir o ensino de línguas e sua relação com a sociedade, sob o prisma da formação educacional de cada criança, haja vista que o acesso a outras culturas, quando não imposto, é um campo fecundo para novas ideias provocadoras de mudanças. A variedade alimenta o olhar, o pensar e o sentir.

A partir do estudo de LE serão maiores as possibilidades de desenvolvimento cognitivo do indivíduo, o que, segundo Vygotsky (1989), demonstra que as ações do meio externo podem contribuir para o crescimento cultural e intelectual dos indivíduos. Sendo assim, as manifestações que os grupos sociais compartilham são essenciais à formação da criança, em suma, é com a interação com o outro por meio da linguagem, que ela se forma e se transforma em um ser social, cultural e histórico. Diante disso, o papel primordial da linguagem, como sistema pelo qual podemos comunicar nossas ideias e sentimentos, é ser formadora da consciência e organizadora do pensamento, pois é através dela que nós interagimos e internalizamos os nossos papéis sociais, de modo a possibilitar o desenvolvimento psicológico.

Por isso, a partir do instante em que se dissemina a ideia de socializar vivências culturais por meio da linguagem, a formação da criança passa a ser consideravelmente enriquecida. Assim, o processo de ensino-aprendizagem de LE deve ser entendido como de extrema importância pela sociedade, pois, além de o aluno internalizar seu papel e desenvolver-se psicologicamente, terá maiores condições de questionar, compreender a sua própria linguagem e desenvolver um profundo respeito pela cultura do outro que, tal como a sua própria, possui manifestações sociais específicas.

2. A intercompreensão em nossa realidade educacional

Por meio do processo de ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira, o aluno deve ser motivado a construir sua visão de mundo no sentido de se colocar no lugar do “outro”, na intenção de entrar em contato com manifestações sociais diferentes da sua. Neste sentido, também deve ser estimulado a reconhecer a sua própria importância individual no contexto de seu grupo, além de passar a valorizar a interação necessária entre os mais diversos agrupamentos humanos. Certo que, a escola, espaço intelectual por excelência, deve propiciar que outras culturas possam acessar o mundo de seus educandos e, a partir da sua realidade, possam justificar sua importância como instrumento de desenvolvimento humano. Quando se é respeitado, torna-se possível respeitar a si mesmo, respeitar seus “pares” e respeitar “os outros”.

O professor, neste sentido, deve atuar como mediador do conhecimento, sendo essencial estar consciente das peculiaridades que cercam a sua competência docente, visto que pode, com a sua atuação, promover a inclusão social de seus alunos, além de articular a democratização da escola e do ensino.

Quanto à ação pedagógica, não se deve esquecer que é imprescindível incitar os alunos para que, a partir da sua realidade, desenvolvam-se melhor a partir do domínio das estruturas de linguagem, visto que estas influenciarão sua forma de pensar. As interações verbais farão parte de um processo de relação dinâmico e ininterrupto entre os alunos, em que a “palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (Bakhtin, 1988, p. 113), a vivência com as línguas estrangeiras pode motivar o aluno a assimilar o respeito e a tolerância pelo diferente.

No contexto de educação pública brasileira, acreditamos que o trabalho centrado na intercompreensão pode contribuir para a motivação para aprendizagem de línguas-culturas e para descoberta de si mesmo e do outro.

Nossa educação passa por problemas de naturezas diversas e de diferentes graus, que fazem com que, uma grande maioria dos alunos de escolas

públicas não se sinta motivada para aprender, apresentando dificuldades na leitura, na interpretação de textos e na produção escrita em língua materna.

Dados do IBGE (2010) apontam que 85,3% das crianças de sete a quatorze anos estudam o ensino fundamental em escolas públicas e que a taxa de analfabetismo é de 7,8% entre crianças de 10 a 14 anos, e ainda: 22% de crianças estão com mais de dois anos de atraso escolar, sendo que aqui no Nordeste esse número aumenta para 60% dos alunos em relação à idade/série. Esses dados servem também para validar nosso projeto que visa apresentar um outro olhar para a língua portuguesa, partindo de atividades de compreensão oral e escrita em espanhol, italiano e francês, por acreditarmos que as estratégias que serão utilizadas, pelas crianças, para compreender os textos em língua estrangeira, podem ser transferidas para ajudar na compreensão leitora em língua materna.

Vale salientar que o trabalho realizado com a intercompreensão é baseado nas habilidades de compreensão oral e escrita, não pretende, portanto, substituir a forma clássica de aprendizagem centrado nas quatro habilidades: compreensão e produção oral e escrita.

Ao propor o trabalho com textos plurilíngues pretendemos contribuir para a diversificação do ensino de línguas em nossas escolas públicas, de forma a ajudar os aprendizes a descobrirem outras línguas-culturas promovendo a vontade de compreender o outro e, conseqüentemente, de se autodescobrir.

3. A intercompreensão no ensino fundamental de Natal: relato de nossa experiência

Nossos objetivos nesse projeto são de promover o contato dos alunos com línguas estrangeiras; permitir o contato com a diversidade cultural e linguística; sensibilizar para aquisição de conhecimento sobre as línguas românicas; e conseqüentemente colaborar para melhoria do aprendizado do aprendiz, como para seu desenvolvimento pessoal: aumento da sua autoconfiança e da sua autoestima.

As aulas do projeto “Intercompreensão de Línguas Românicas: aprendizagem sem fronteiras” são ministradas uma vez por semana em cinco escolas municipais de Natal, com a duração de sessenta minutos, no mesmo turno de aulas normal dos alunos. Durante uma hora, o bolsista trabalha com os alunos, na presença do professor polivalente – para que ele sirva de multiplicador da dinâmica. As aulas podem acontecer tanto na sala de aula das crianças, como no laboratório de informática, como em outro ambiente oferecido pela escola que permita a realização do planejamento do dia.

No primeiro contato, aplicamos um questionário avaliativo, a fim de conhecer a história das crianças com as línguas – sua biografia linguística –, para conhecer qual contato elas já tinham tido com línguas estrangeiras. Na sequência, apresentamos atividades de sensibilização para introduzi-las no projeto e na dinâmica das aulas, levando vídeos de trailers de filmes infantis em francês, italiano e espanhol, músicas etc. Sempre fazendo muitas perguntas para estimular a participação delas.

Os conteúdos trabalhados estão centrados na compreensão oral e escrita e são divididos em sequências didáticas (SDs), que correspondem a quatro ou cinco encontros. As aulas são organizadas pelos bolsistas junto com a coordenadora do projeto e utilizam-se recursos de vídeo, música, textos, atividades escritas, além dos módulos dos “Itinerários Românicos” no site da união latina (www.unilat.org). Cada recurso é utilizado para promover o contato dos alunos com as línguas estrangeiras e com diferentes culturas, fazendo com que eles descubram e aprendam, ampliando seus conhecimentos.

A primeira sequência didática que aplicamos foi baseada na fábula da Cigarra e a Formiga, de Esopo. Apresentamos os textos para que eles percebessem as línguas, inferissem o sentido geral do texto e que circulassem as palavras conhecidas. Apresentamos primeiramente os textos em francês (língua considerada por eles como mais difícil), depois em italiano e por último em espanhol (por se tratar de uma língua aparentemente mais próxima do português). Em seguida, eles escutam o áudio do texto, veem vídeos da estória em desenho, apresentamos as atividades sobre a história,

e sobre outros temas que surgem a partir da leitura da fábula, tais como: os animais e as estações do ano, neste último adaptando as estações do ano mais presentes na realidade do aluno em nossa região, em que o verão corresponde à época do calor mais intenso e dias ensolarados e o que o inverno corresponde aos dias chuvosos.

A fábula é um gênero textual muito versátil permitindo diversas situações e maneiras de se explorar um assunto e proporcionar a instrução aos alunos dentro dos preceitos morais, isto é, toda fábula há uma moral e ensinamento. A escolha de Esopo foi feita porque, além de ser o mais conhecido dentre os fabulistas, ele retrata o drama existencial do homem, substituindo seus personagens humanos por animais ou objetos.

O trabalho realizado durante as aulas de intercompreensão é articulado com os professores da turma, portanto na finalização da primeira sequência didática (SD1) as crianças constroem, em língua portuguesa, suas próprias versões da história da Cigarra e da Formiga, sendo acompanhadas no processo de reescrita pela professora titular da turma.

Na segunda sequência didática realizada apresentamos aos alunos os “Itinerários Românicos” no site da união latina (www.unilat.org), que tem a finalidade de apresentar as línguas neolatinas, os seus elos de cultura e língua de forma simplificada e lúdica, como por exemplo, na narrativa “A verdadeira e simpática história da Pizza Margherita”.

Diante da metodologia aplicada observou-se o entusiasmo dos alunos ao apresentar o módulo “A verdadeira e simpática história da Pizza Margherita”, o qual contém uma série de atividades lúdicas incentivando os alunos a definir suas próprias estratégias com a intenção de perceber e identificar situações de comunicação oral e associando com a escrita em legendas.

A forma lúdica nas apresentações da história nos permitiu relatar que o aluno bem estimulado corresponde melhor às expectativas do professor possibilitando a construção e a assimilação de conhecimentos adquiridos.

Ao final de cada aula, como mais um instrumento de aprendizagem, levamos músicas em vídeos legendados nas línguas estudadas, tendo como critério de seleção os temas abordados nas SDs. Percebemos que por meio

de músicas é possível propiciar a percepção dos alunos às línguas estrangeiras. As crianças se habituem ao som das novas línguas e são estimuladas a compreender o conteúdo das canções nas línguas do projeto a partir do conhecimento prévio da língua materna, no seu aspecto linguístico de reflexão e das demais línguas. Além do aspecto do trabalho linguístico e cultural, a música colabora com o aspecto emocional do aluno, sua sensibilidade e sua confiança. Podemos citar, como exemplo, o caso da música “Volevo un gatto nero” apresentada durante a SD2, após se ter trabalhado as cores. Por várias vezes nos deparamos com as crianças cantarolando a música em italiano. Podemos ter como hipótese que o fato das crianças se sentirem capazes de cantar em outras línguas pode contribuir para o aumento de sua autoestima e autoconfiança, motivando-as a querer aprender e descobrir mais e mais.

As músicas selecionadas têm sempre uma relação com o conteúdo estudado, assim, além de diversão, colaboram com a memorização de palavras trabalhadas nas línguas contempladas pelo projeto. Ao apresentá-las em diferentes línguas percebemos que ela não é somente uma associação de sons e palavras, e sim, um rico instrumento que pode fazer a diferença, vimos que ela desperta o aluno para um mundo prazeroso e satisfatório à mente e ao corpo facilitando a sua aprendizagem e também a sua socialização. A música quando bem trabalhada desenvolve o raciocínio, criatividade e outros dons e aptidões, por isso, deve-se aproveitar esta tão rica atividade educacional dentro das salas de aula.

Os encontros na escola nos proporcionaram a criação de blogs: (ianelicurgo.wix.com/ianelicurgoic) e (taiserochaic.wix.com/taiserochaic), onde podemos compartilhar com outros profissionais da área e afins as nossas experiências, os planos de aula e atividades formalizadas em sala e os vídeos musicais, como também os alunos podem alí visualizar suas atividades e dar continuidade ao aprendizado com os vídeos apresentados nas salas de informática.

4. Conclusão

O aprendizado do idioma materno se difere do aprendizado de outras línguas, porque na língua materna, o contato com amigos, pais, a necessidade de se comunicar, o mundo a sua volta formam um indivíduo falante. Na aquisição de outras línguas, a falta do contato com elas e as dificuldades de expressar os sons fonéticos são fatores que determinam o progresso de aquisição. Pensando nisso, uma questão importante é saber quanto de treino de percepção é necessário para que os alunos sintam-se confortáveis com os novos sons. A resposta depende, evidentemente, de cada aluno e da exposição à língua. Outros fatores são a atitude e a motivação, tanto dos alunos como dos professores. A presença da professora em sala de aula durante as aulas de Intercompreensão é fundamental para que ela conheça a dinâmica e possa ser uma multiplicadora do projeto, para que o acompanhamento dos alunos e futura avaliação da sua turma, percebendo avanços ou não. No entanto, isso nem sempre acontece. Em algumas ocasiões os professores aproveitam a presença dos bolsistas para realizar assuntos de seu interesse.

Outra dificuldade que encontramos diz respeito à estrutura da escola. Para realizarmos as atividades ou para ministrarmos as aulas precisamos de retroprojetor multimídia, caixas de som, uma sala de informática com computadores funcionando e acesso à internet. Mas, infelizmente, acontece com certa recorrência a falta dos equipamentos funcionando de forma a podermos realizar o programa planejado e a aula saísse de acordo com esperado. Ter plano B, C e D não eram opções, eram necessidades. E estes foram colocados em prática em vários momentos.

Apesar de algumas implicações negativas que essa realidade traz para a boa execução do projeto, ela nos permitiu um crescimento como profissional que será fundamental para as nossas formações como professoras. As inferências nos permitem obter novas tomadas de execução na realização dos trabalhos, como incentiva Andrade (2012, p.64) “Todas as experiências às quais somos submetidos influenciam o nosso modo de vida

e a nossa visão do mundo. Tudo dependerá da interpretação que damos a essas vivências”.

O ter que se adequar às situações imprevisíveis que surgem, mudando o cronograma, o planejamento, sem perder os objetivos, em um curto período de tempo é um exercício desgastante, mas que nos permite refletir sobre nossa atuação e nossa capacidade de adaptação ao criarmos estratégias diferenciadas adaptadas às novas situações.

Aprendemos que as crianças estão sempre preparadas a enfrentar novos desafios, a receber e ter novas ideias, por serem abertos e gostarem de novidades e como estão em fase de aprendizagem da língua materna, elas acabam assimilando o vocabulário da nova língua como uma novidade e como um desafio positivo o que contribui para o aumento da motivação.

Vimos que as atividades lúdicas têm valor educacional intrínseco, mas além desse valor, elas tem sido utilizadas como recurso pedagógico. E através de trabalhos lúdicos, a criança passa a ter um melhor resultado em seu aprendizado, já que através do lúdico ela pode ser estimulada e com isso facilitar seu progresso intelectual e psicológico, além do mais, não existe uma melhor forma de aprender algo nessa fase do que aprender brincando. Assim, a criatividade e a curiosidade das crianças estarão sendo bastante estimuladas.

Para terminar, ressaltamos o entusiasmo e o interesse dos alunos, que fazem com que as aulas se transformem num ambiente agradável, onde a descoberta das línguas- culturas diferentes abre espaço para aprendizagem.

Referências

- ANDRADE, R. P. M. *A Intercompreensão na aula de Português Língua Estrangeira*. Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Portugal, 2012. In: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/66400/2/000192346.pdf>
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4. Ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BLANK, C. *A intercompreensão em línguas romanas*. Revista HISPECI & LEMA, v. 1, p. 5, 2009.

MARTINS, S. A.; SOUZA, R. E. G. *Língua materna e plurilinguismo: percursos e resultados da inserção curricular da intercompreensão na educação básica brasileira*. In: IC2012 - Intercompréhension: compétences plurielles, corpus, intégration. 2012, Grenoble. Intégration des formations, démarches et pratiques intercompréhensives, 2012.

MEISSNER, J.; MEISSNER, C.; KLEIN, H. G.; STEGMANN, T. *EuroComRom-les sept tamis: lire les langues dès le départ. Avec une introduction à la didactique de l'intercompréhension*. Aachen: Shaker Verlag, 2004.

RAJAGOPALAN, K. *Linguagem: o Santo Graal da linguística*. In: SIGNORINI, I. (Org). *Situar a linguagem*. São Paulo: Parábola, 2008.

PERREGAUX, C., DE PIETRO, J.-F., DE GOUMOËNS, C. & JEANNOT, D. [Dir.]. *EOLE: Education et Ouvertures aux langues à l'école*. Neuchâtel: CIIP (2 volumes avec CD audios + Fichers de documents et 1 brochure d'accompagnement), 2002.

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.